



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **A TRANSFERÊNCIA FONOLÓGICA NO ENSINO DO INGLÊS COMO L2**

Anilda Costa Alves

Leônidas José da Silva Jr.

*Universidade Estadual da Paraíba*

[anildauepb@gmail.com](mailto:anildauepb@gmail.com)

[leonidas.silvajr@gmail.com](mailto:leonidas.silvajr@gmail.com)

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo mostrar, através de uma pesquisa comparativa, o processo de interfonologia provocado por falantes de língua inglesa como língua estrangeira (LE) em relação a falantes de língua inglesa como língua materna (LM). Uma das primeiras dificuldades encontradas por falantes do inglês como segunda língua em fase inicial é o reconhecimento dos novos padrões sonoros da segunda língua, visto que enquadra esses novos padrões a sons similares de sua língua. Para nossa metodologia, gravamos dados de falantes brasileiros de inglês como LE e indianos falantes de inglês como LM. Os dados foram analisados acusticamente e comprovaram a existência da transferência fonológica da LM sobre a LE. Destacamos em nossa pesquisa a necessidade da abordagem das habilidades orais como meios que amenizam processos de interferência linguística, levando assim a um ensino de pronúncia mais efetivo, como também levando os alunos a reconhecerem as distinções fonético-fonológicas entre as línguas.

Palavras-chave: Transferência fonológica; Língua Inglesa; Ensino.

### **INTRODUÇÃO**

Há muitas dificuldades no ensino de língua inglesa no Brasil. Para muitas escolas, o ensino de inglês se restringe as regras gramaticais. Conforme os PCNs (BRASIL, 2006, p. 107), infelizmente, na tradição de ensino de línguas, a gramática tem sido utilizada como algo que precede o uso prático da linguagem oral.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Em meio a esse e a tantos outros desafios, a compreensão e a produção oral da língua aparece como um dos principais obstáculos encontrados por falantes do inglês como língua estrangeira (LE) devido às diferenças encontradas entre o sistema fonológico da LE e os de sua língua materna (LM). Dessa forma, o que é de fato aprender outra língua, vai tornando-se cada vez menos responsabilidade das escolas regulares, passando a ser compromisso das escolas de idiomas.

É interessante destacar que na maioria dos casos os estudantes não têm consciência de que os sons entre uma língua e outra se diferenciam. Mascherpe (1970), já apontava que - no início da aquisição - o estudante ouvirá apenas os fonemas semelhantes aos de sua língua materna (LM) e de maneira natural ele os transfere para LE no momento da produção oral. Esse processo denominado transferência fonológica (TF) e se dá, dentre outros fatores, devido ao pouco acesso que os estudantes têm à LE.

É importante enfatizar que na maioria dos casos o acesso a LE ocorre de modo a não favorecer o estudante na distinção fonêmica de LM e LE. A falta de integração entre os aspectos fonéticos da LE e as outras habilidades comunicativas acarretam dificuldades no momento da comunicação oral. Se o aluno não tiver a consciência fonológica da sua língua e da língua alvo, o processo comunicativo ficará comprometido.

O presente trabalho tem como objetivo verificar, através de uma análise acústico-comparativa, se há transferência fonológica na produção do português do Brasil (PB) como LM para o inglês como LE (ILE); averiguar que tipo de mecanismos os falantes brasileiros se utilizam ao tentarem produzir os sons do ILE; identificar que técnicas os professores podem recorrer para tornar o ensino de pronúncia mais efetivo, suavizando assim a ocorrência da TF do aprendiz de ILE.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Estudos como os de Zimmer (2008) destacam aspectos da TF, onde o aprendiz baseia-se no conhecimento que têm de sua LM para compreender a estrutura da língua estrangeira seja no nível morfosintático, semântico, pragmático ou fonológico. Novos padrões, os da LE sofrem a influência de padrões da LM, mais antigos – ou seja - mais fortemente estabelecidos.

Steinberg (1985) já destacara que a proximidade articulatória entre os fonemas de uma língua e outra é uma das primeiras dificuldades que os estudantes encontram ao tentar imitar um som estranho ao de sua LM. Como não vê diferenças entre os fonemas, usam um fonema de sua língua materna que seja próximo daquele que ouviu podendo causar assim um problema no momento da comunicação.

O sotaque estrangeiro, no que diz respeito à transferência indevida de aspectos articulatórios da LM para a LE, pode ser caracterizado como o produto da ativação de padrões da LM em lugar daqueles da LE, uma vez que o aprendiz trata os novos itens lexicais como se fossem compostos de sequências de unidades acústico-articulatórias da LM. (ZIMMER; ALVES, 2006, p. 18-19).

Como exemplo disso, destacamos a vogal epentética, onde Cagliari (1998, p. 75), afirma que seu principal objetivo é corrigir uma estrutura silábica mal formada, fazendo com que certas consoantes que ocupavam a posição de coda passem para a posição de início atribuindo um núcleo vocálico a uma sílaba que não o tem ou formando ditongos. Por exemplo, um falante brasileiro que esteja no início da aprendizagem do inglês como LE ao pronunciar book, que é uma palavra monossílaba, vai recorrer a sua LM e poderá fazer a seguinte produção: book[i].

Essa vogal epentética faz da consoante [k], que antes ocupava a posição de coda, passe para a posição de ataque da sílaba, colocando assim um núcleo, no caso a vogal [i] e acrescentado assim mais uma sílaba a palavra que antes era monossílaba.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Trabalhar com aspectos fonéticos não parece ser uma prioridade no ensino de LE no Brasil. Os PCNs Orientam que, no Ensino Médio sejam trabalhadas habilidades de leitura, comunicação oral e prática escrita baseado na necessidade do aluno de prepará-lo para o ENEM. É evidente que essas habilidades são fundamentais no ensino de línguas quando o aluno já tenha certo domínio linguístico, pois no processo de aquisição de uma língua, a leitura e a escrita são as últimas habilidades exploradas.

Silva Jr & Silva (2014) em sua pesquisa sobre o ensino de pronúncia destaca a importância de levar o aprendiz a ouvir, antes das demais habilidades. Isso amenizará a ocorrência da TF, pois se ao adquirir nossa língua materna somos expostos antes de qualquer outra habilidade ao listening, no processo de aquisição de uma LE não seria diferente. Esse contato fará com que o aprendiz fique cada vez mais próximo dos fonemas que não fazem parte de sua LM.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho se trata de uma pesquisa comparativa entre dois sistemas fonológicos distintos.

Nossos dados foram gravados por um falante indiano de inglês como LM e dois falantes brasileiros, que já têm certo conhecimento de ILE. Utilizamos a frase-veículo: “I would like to go to Brazil to meet...” e o falante utilizava um complemento sintagmático aleatório. As gravações foram feitas através de um app-gravador do dispositivo Samsung S2 Duos.

Após as gravações, rodamos os dados no programa computacional PRAAT versão 5.4.00, em que fizemos uma análise das produções dos falantes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

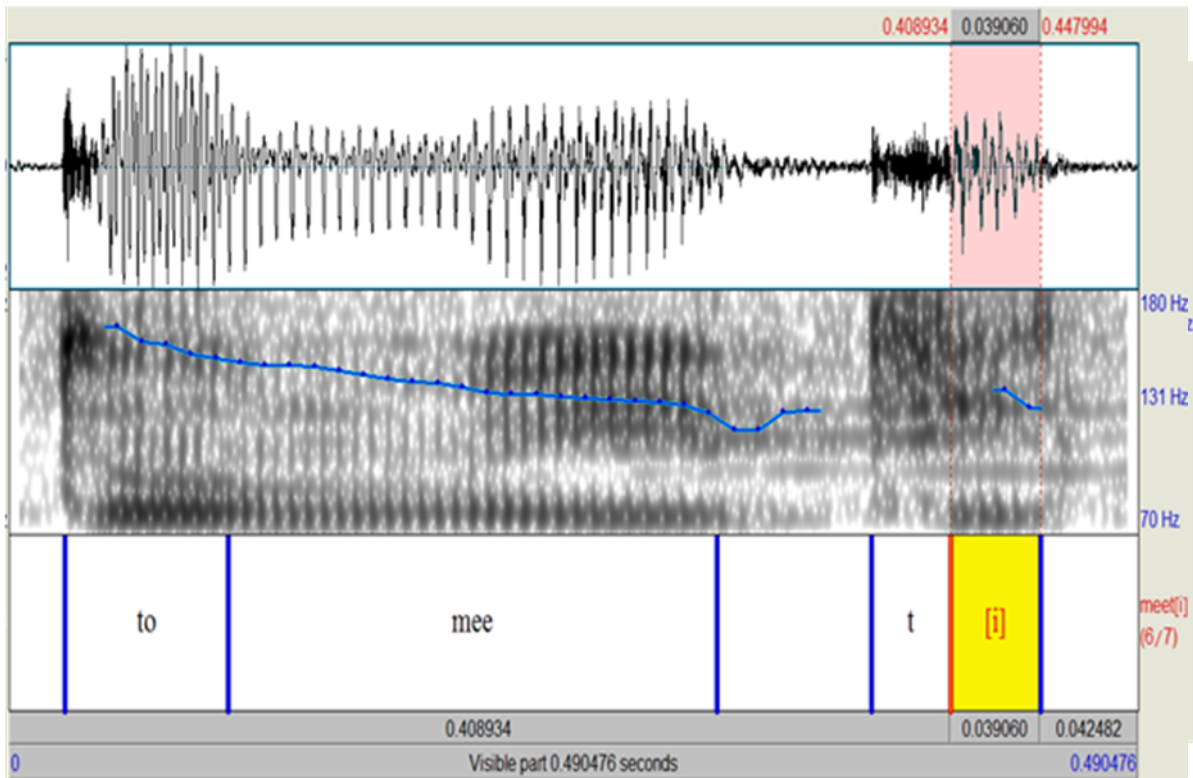
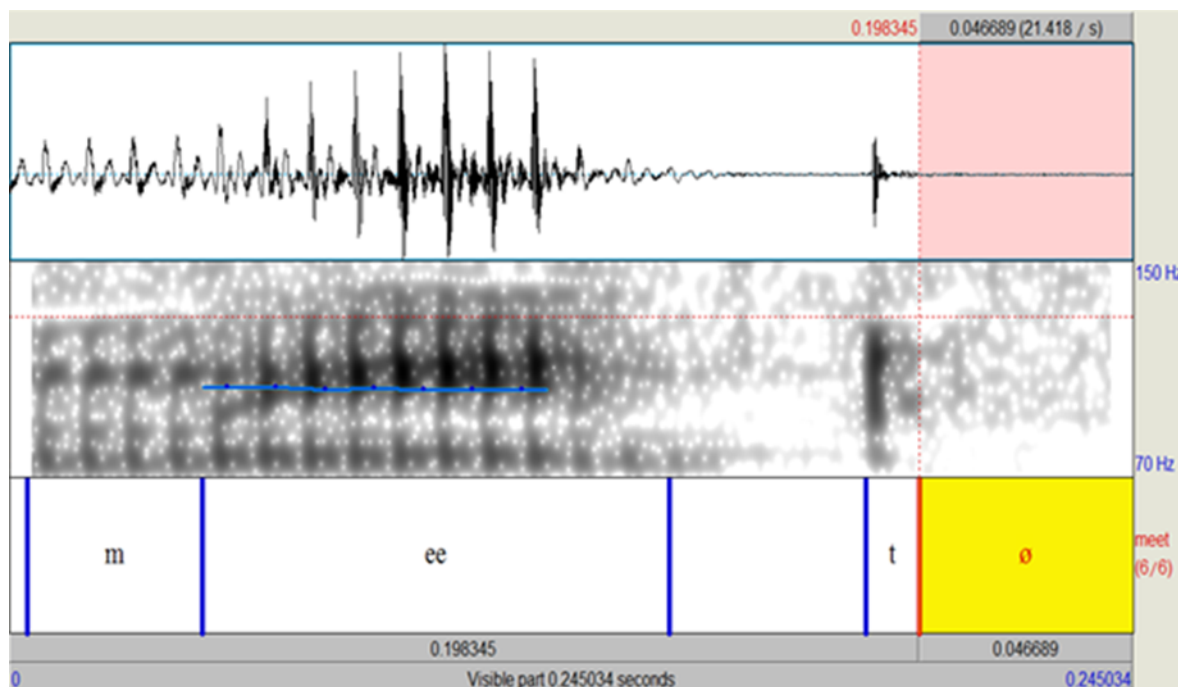


Fig. 1: Produção de meet[i] – informante brasileiro.



*Fig. 2: Ausência da epêntese vocálica na produção do meet – informante indiano.*

Na figura 1, percebemos claramente a inserção da vogal [i] na produção de meet[i]. Essa vogal pode ser vista na regularidade periódica provocada pela onda da voz. Essa descrição mostra indícios de que o português brasileiro tem um ritmo silábico como aponta Silva Jr & Scarpa (2013).

Segundo os autores, o ritmo da fala é um dos traços mais fundamentais na distinção de uma língua. Este é adquirido na infância se tornando difícil passar por mudanças na fase adulta.

Sendo o português brasileiro uma língua com padrão silábico, ao tentar produzir sons de outra língua com ritmo acentual, é normal que o aprendiz insira uma vogal na busca do equilíbrio silábico.

A TF produzida pelo informante brasileiro na figura 1 é um fenômeno denominado epêntese vocálica, como já citado anteriormente na seção 2, onde o objetivo principal, baseado nos postulados de Cagliari (1998), é corrigir uma estrutura silábica mal formada, fazendo com que

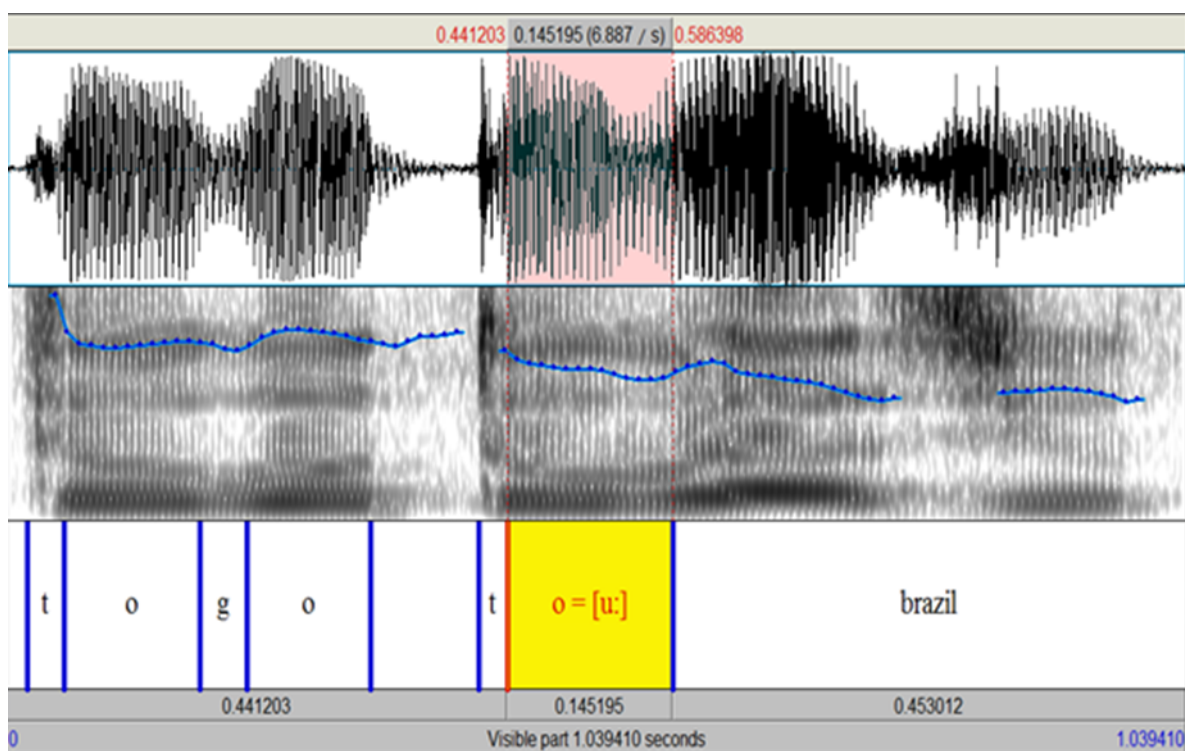


# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

certos sons consonantais que antes ocupavam a posição de coda, passem a ocupar a posição de ataque, acrescentando assim um novo núcleo a sílaba.

O mesmo fenômeno não acontece com o informante indiano, que possui uma língua de ritmo acentual como mostra a figura 2. Neste caso, há um apagamento vocálico na coda de “meet” contrapondo-se à produção do brasileiro na fig. 1.

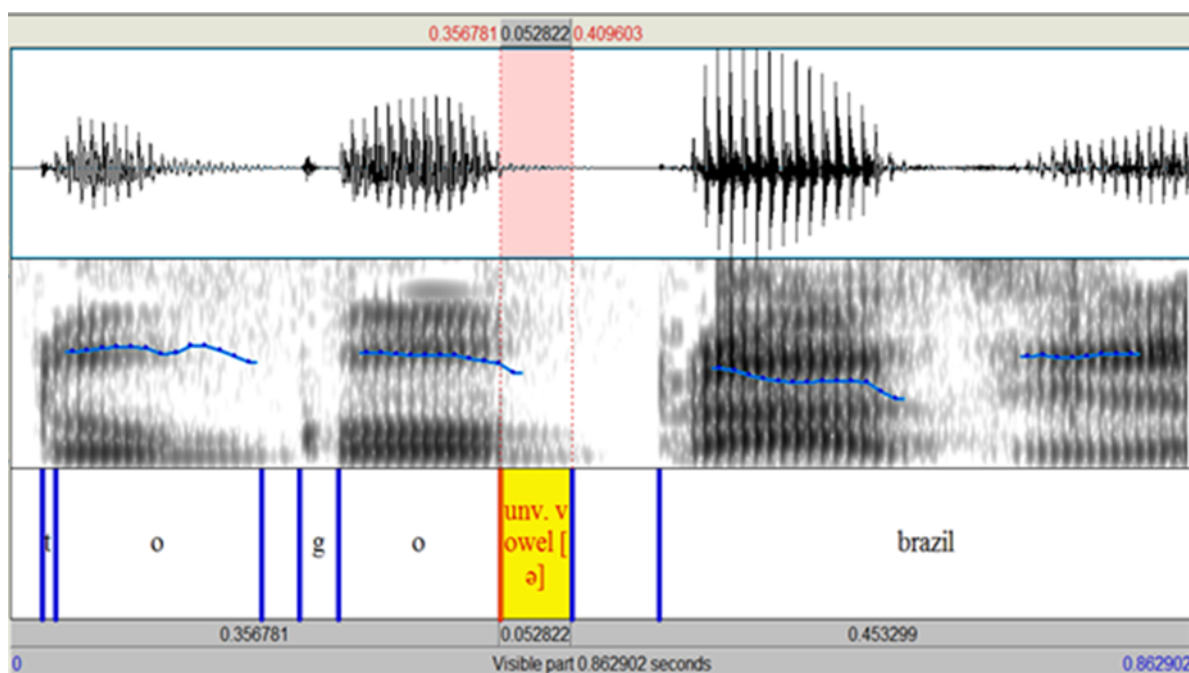


*Fig. 3: Alongamento da vogal na produção do [to] – informante brasileiro.*



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



*Fig. 4: Omissão do [to] – informante indiano.*

Na fig. 3, o informante brasileiro alonga o [u:] de “to”. Por transferência fonológica percebeu que o informante brasileiro alonga algo que pode ser dispensada no momento da fala.

Na fig. 4, o clítico “to” é reduzido pelo informante indiano. Vemos que este clítico é tão breve que é apagado na produção. Isso porque todo o processo de articulação é preparado, mas não há soltura.

Para suavizar os processos de TF é fundamental a mediação de um professor que coloque o aprendiz em contato com os fonemas, sobretudo fazendo-os ouvir e perceber as distinções fonêmicas entre sua língua e a LE.

Segundo Silva Jr & Silva (2014), alunos expostos ao listening antes das demais habilidades, contribui para um ensino de pronúncia mais efetivo, amenizando assim o processo de TF. Os autores ainda colocam que a exposição precoce ao listening leva o aprendiz a ouvir não apenas segmentos, mas ritmo e entonação do inglês corroborando Silva Jr & Scarpa (2013) em que afirmam que os fenômenos fonológicos acima citados são os mais inteligíveis no nível da conversação (Silva Jr & Scarpa, 2013).





# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## CONCLUSÃO

Concluimos a partir desse estudo que o processo de transferência se dá devido ao aprendiz utilizar os recursos que dispõe da sua LM para a LE. Ao tentar produzir um som que não lhe é familiar, o aprendiz utiliza como suporte sua língua materna.

Como a aquisição de uma LE faz parte do contexto de ensino no Brasil, é fundamental que professores possam ter um conhecimento adequado do sistema fonológico da sua LM e da LE para que possam atuar como mediadores no processo ensino-aprendizagem.

Mesmo diante das orientações dos PCNs, enfocando a comunicação no ensino de LE como ferramenta imprescindível no mundo moderno, o que vemos é que professores continuam presos a regras gramaticais, fugindo totalmente do que mais lhes diferencia como professores de línguas, deixando de exercer a capacidade que mais os caracterizam como tal, que é falar uma língua estrangeira.

Os métodos de ensino utilizados na maioria das escolas brasileiras remetem ao método utilizado no século XIX que é o método de gramática e tradução. Acreditamos na eficácia dos métodos baseado no objetivo que cada um deles almejava alcançar. O método de gramática e tradução, por exemplo, foi muito eficiente, pois o objetivo principal não era a comunicação, era apenas fazer com que as pessoas tivessem acesso a literatura da época.

Quando entra em cena a necessidade de comunicação com outros povos, outras culturas, os métodos comunicativos ganham força. A língua estrangeira passa a ser ensinada então com a língua estrangeira. O que nos leva a questionar é se hoje o Brasil teria condições de implantar métodos comunicativos nas escolas, levando em consideração que ao utilizar métodos como esse, professores teriam que ter domínio da LE.

Alguns aspectos como a falta de materiais didáticos apropriados, carga horária não favorável e principalmente o despreparo profissional são apontados como causas que acarretam o fracasso do ensino de LE no Brasil. Levando em consideração os problemas levantados e a busca por atender a necessidade momentânea do aluno de ensino médio, que é entrar em uma faculdade, os PCNs orientam que seja dada ênfase as habilidades de leitura, comunicação oral e escrita.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O problema que percebemos é que para ler, falar e escrever o indivíduo precisa ter acesso ao listening, habilidade pouco explorada nas escolas regulares do Brasil, sejam elas particulares ou públicas, assim, o processo de aquisição de uma LE vai ficando cada vez mais distante das escolas regulares e as escolas de idiomas têm ganhado cada vez mais espaço no Brasil devido à necessidade de que hoje o cidadão tenha acesso ao inglês; considerada uma língua franca.

Mesmo diante de todas as dificuldades mostradas, acreditamos e defendemos o listening como sendo a primeira habilidade a ser explorada nas aulas de LE na tentativa de amenizar fenômenos como a TF e levando o indivíduo a ter um contato maior com os padrões antes ignorados da LE.

Ferramentas como o PRAAT auxiliam na constatação de possíveis dificuldades no momento da produção oral dos aprendizes refletindo-as de forma acústica.

O professor deve levar o aluno a perceber essas distinções fonéticas da LE. Se o primeiro contato do aluno for com o reading, por exemplo, ele obviamente recorrerá a sua LM fazendo assim o processo de TF.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais, 2006. Disponível online: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf) . Acesso em 02 de abril de 2015.

CAGLIARI, L.C. Consoantes Epentéticas em Português. DELTA. V. 14, 1998.

MASCHERPE, M. Análise comparativa dos sistemas fonológicos do Inglês e do Português. (Tese de Doutorado.) Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1970.

SILVA Jr, Leônidas. SILVA, Rosângela Neres Araújo. Anais do IV ENID, 2014. O ensino de pronúncia na formação do aluno de letras: contribuições da habilidade “listening”. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/anais.php>. Acesso em 08 de março de 2015.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

STEINBERG, M. Pronúncia do inglês norte-americano. São Paulo: Ática, 1985.

ZIMMER, Márcia Cristina. Cognição e aprendizagem de L2: uma abordagem conexionista. In: FELTES, Heloísa; FARIAS, Emília Maria P; MACEDO, Ana Cristina Pelosi (Orgs.) Cognição e linguística. Caxias do Sul: EDUSC, 2008.

ZIMMER, Márcia Cristina; ALVES, Ubiratã Kickhöfel; A produção de aspectos fonéticos-fonológicos da segunda língua; instrução explícita e conexionismo. In: Revista Linguagem & Ensino. V. 9, n.2, p. 101-143 jul./dez.,2006.